

INVESTIMENTO DOCENTE X DESINVESTIMENTO DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSEQUÊNCIAS E RESULTADOS DESSA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Autor (1) João Márcio Fialho Sampaio; Co-autor (2) José Cícero Cabral de Lima Júnior;
Orientador (3) Paulo Rogério Barbosa do Nascimento

(Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: jmarciofisam@outlook.com)

RESUMO: Entende-se por desinvestimento docente aquele professor que não ensina, onde as aulas ocorrem sem objetivos, intervenções e apenas no sentido funcional. Em contrapartida, o investimento docente caracteriza-se pelo professor que ensina, planeja, intervém e organiza as atividades de forma a favorecer o processo de ensino e aprendizagem. O estudo objetiva compreender quais as consequências para as aulas de Educação Física advindas do investimento e desinvestimento docente, em uma escola pública em Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa é caracterizada como pesquisa-ação de abordagem qualitativa, vivenciada por discentes do curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri (URCA), mediante estágio supervisionado do ensino fundamental II, no período de agosto a outubro de 2016. Constatou-se que o desinvestimento docente contribui para a desvalorização da disciplina, rejeição por parte dos alunos, para exclusão daqueles menos habilidosos, para uma visão limitada acerca dos conteúdos da disciplina, sendo ainda um agente contrário para a construção de uma identidade escolar da Educação Física. Entretanto, o investimento docente desenvolve-se de forma planejada, coerente e digna perante aos objetivos da escola, do professor e do alunado, uma vez contribuir para a formação integral, humana e cidadã dos alunos, podendo por meio dos conteúdos da Educação Física ensinar valores morais, éticos e sociais ao alunado. Portanto, as aulas de Educação Física escolar têm muito a melhorar ainda, dependendo principalmente da mudança de atitudes dos docentes que trabalham na área, para que um dia essa disciplina possa conseguir sua valorização e respeito na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Investimento Docente, Desinvestimento Docente, Educação Física, Escola.

INTRODUÇÃO

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) em seu Art. 26§ 3º afirma que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno, que trabalhe com carga horária igual ou superior a seis horas diárias, maior que trinta anos, que tenha prole ou esteja prestando serviço militar.

Dessa forma, as aulas de Educação Física escolar de acordo com o Ministério da Educação (MEC, 1997) devem possibilitar aos alunos que se integrem na cultura corporal do movimento, favorecendo que os mesmos possam criar um estilo próprio de exercê-las, bem como, utilizar mecanismos que estimulem uma visão e formação crítica mediante os conteúdos trabalhados em aula.

Nesse cenário, observa-se que a Educação Física possui sua legalidade perante a legislação brasileira. No entanto, sua legitimidade escolar e social ainda é um objetivo a ser alcançado, tendo em vista este componente curricular ainda não ser visto numa visão horizontal referente às outras disciplinas no âmbito escolar.

Em conformidade com a situação acima, verifica-se que inúmeros aspectos favorecem para essa desvalorização da Educação Física, tais como: números de aulas reduzidos por semana, escolas com estruturas inadequadas para suas aulas, materiais para aulas práticas escasso, núcleo gestor descomprometido com a disciplina, governantes que sempre querem deixá-la de lado e professores descomprometidos com a sua função social e escolar.

No que tange a ação docente, encontra-se duas possibilidades de atuação do professor nas aulas de Educação Física escolar, a saber: a primeira de acordo com Machado, et al (2010) refere-se ao tipo de professor que pratica o desinvestimento docente, ou seja, aquele sujeito que assume um descomprometimento com a ação do ensinar, onde as aulas ocorrem sem objetivos, intervenções e apenas no sentido funcional; já a segunda possibilidade segundo Faria, et al (2010) é o investimento docente, que caracteriza-se pelo professor que ensina, planeja, intervém e organiza as atividades de forma a favorecer o processo de ensino e aprendizagem, influenciando assim, a formação humana e integral dos alunos.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo compreender quais as consequências para as aulas de Educação Física advindas do investimento e desinvestimento docente, em uma escola pública de Ensino Fundamental no município de Juazeiro do Norte-CE.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa e exploratória, vivenciada por discentes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Cariri (URCA), mediante estágio supervisionado do ensino fundamental II, no período de agosto a outubro de 2016.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos: Num primeiro momento houve observações para a identificação de problemas que pudessem despertar uma ação propositiva de resolução, este antecede o planejamento de trabalho pedagógico; No segundo momento, foi feita a “ação” pedagógica frente às problemáticas de desinvestimento docente identificadas nas aulas observadas.

INVESTIMENTO E DESINVESTIMENTO DOCENTE

Ao contrastar-se com diversas experiências no âmbito pedagógico (estágio, práticas de ensino ou a própria docência no exercício profissional) o acadêmico e/ou professor vai criando sua “*praxis*” pedagógica, ou sua determinação e atuação profissional. Essa relação pode ser visualizada no que alguns autores identificam como “investimento e desinvestimento docente”, o que na Educação Física escolar tem sido eminentemente discutido. Para tanto, a pretensão deste tema é o grande ideal deste trabalho, tendo em vista o diagnóstico da escola, e a prática docente no ambiente pesquisado.

Desta forma, para Farias (2010) o investimento docente está “enraizado” à conduta do professor na sua prática de ensino na escola, essa razão nos faz entender que as dificuldades impostas ao professor de Educação Física (falta de espaço físico, material, apoio de gestão e reconhecimento profissional) não são motivos para desistir ou abandonar a responsabilidade docente. Em outras palavras, o investimento docente é determinado a partir da construção pedagógica frente à (re) significações e contextualizações das teorias pedagógicas, sendo sua prática capaz de romper com ideias tradicionais de ensino nas aulas em Educação Física, sobretudo investir intencionalmente e objetivamente no processo de aprendizagem dos alunos nas esferas políticas, sociais e morais.

Na fala de Fensterseifer e Silva (2011), entende-se que o investimento docente em Educação Física é uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas num panorama que vislumbre as manifestações diversas da cultura corporal do movimento, de forma a materializar práticas pedagógicas tidas como inovadoras, a saber: uma proposta articulada com o currículo da escola; desenvolvimento dos conteúdos de forma progressiva e sistematizada; envolvimento direto dos alunos nas aulas; presença de conteúdos variados que compõe a Educação Física e avaliação articulada com os objetivos do componente curricular.

Em contrapartida a esse aspecto, Machado, et al (2010) descreve que o desinvestimento docente na Educação Física relaciona-se aos os professores que permanecem trabalhando nas escolas, mas abandonam o compromisso com o ensino de qualidade.

O mesmo autor ainda afirma que, o professor que se encontra nesta perspectiva não apresenta grandes objetivos com sua prática, sendo seu objetivo, talvez, apenas envolver os alunos com alguma atividade recreativa. Essa ação reflete em “não aula” e, portanto, uma forma não objetiva frente aos conhecimentos atuais da Educação Física escolar, podendo

acarretar negativamente no processo específico de aprendizagem.

No entanto, esse é um contexto que não é apenas responsabilidade única do professor, existindo outros fatores que contribuem para essas causas, que conforme Santini e Molina (2005) englobam a formação acadêmica insatisfatória; inovações e projetos político-pedagógico que não estão relacionadas às escolhas dos professores; cumprir papéis além dos obrigatórios; realidade escolar insegura; conflitos nas relações profissionais; condições materiais escassas e a dificuldade de lidar com críticas dos setores escolares.

PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS

O planejamento foi desenvolvido mediante um diagnóstico prévio estrutural e material que dispunha a escola, bem como das aulas de Educação Física que eram ministradas no local, onde assim, conseguimos planejar de acordo com a realidade existente naquele ambiente. O diagnóstico das aulas evidenciou a prática eminente do futsal, ou jogo de recreação nas aulas, essa condição propiciou desenvolver um trabalho com conteúdos que os alunos ainda não tinham contato até então.

A partir desta relação consideramos importante contrastar os alunos com o conhecimento de práticas sistematizadas, basicamente dos conteúdos dos esportes, para poderem obter uma vivência significativa sobre outros saberes num sentido mais amplo do esporte e sua importância na formação de um indivíduo mais crítico e emancipatório.

A organização do planejamento esteve atrelada ao ano e faixa etária em que trabalhávamos, tendo a seleção dos conteúdos para o 6º e 7º ano configurada com uma modalidade de “invasão”¹, entendendo que os alunos estão em fase básica de desenvolvimento e que as modalidades desta característica permitem um melhor trabalho coletivo, portanto foi escolhido o handebol como proposta de intervenção, e também por ser um conteúdo que vinha sendo abordado teoricamente em sala de aula pelo professor.

Para o 8º e 9º ano foi proposto trabalhar com um conteúdo mais complexo e que é tido como ideal para esta fase escolar, foi proposto então, conhecimentos sobre esportes com rede divisória², onde foi escolhido o voleibol, por ser um esporte que os alunos ainda não tinham vivência, como também por a escola possuir material e local adequado para tal ação.

A proposição deste planejamento obteve a intenção de envolver os alunos com manifestações esportivas “novas” para eles, como também propor o desenvolvimento de

¹ Ver Metodologia do ensino dos esportes coletivos de González e Bracht (2012).

² Ver Metodologia do ensino dos esportes coletivos de González e Bracht (2012).

conhecimentos nas esferas atitudinais, conceituais e procedimentais³ no esporte, articulando uma forma progressiva, envolvendo ações simples e complexas, variando situações que pudessem acrescentar no desenvolvimento do aluno de forma integral.

Cabe salientar que o planejamento e a organização do conteúdo foram embasados em princípios que consideramos importantes no processo de ensino/aprendizagem escolar e que devem ser adotados e praticados dentro do conteúdo dos esportes, como pode ser referenciado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para o ensino fundamental, por Brasil (2013): Política de igualdade, assegurar a individualidade dos alunos, entendendo que todos devem ser tratados de maneira igualitária sem restrição por quaisquer situações, seja ela financeira, social, ou política; Ética da identidade, respeitar a dignidade do aluno, ser solidário e tentar combater qualquer tipo de manifestação de preconceito de origem, sexo, cor, raça, idade ou outras formas de discriminação; e estética da sensibilidade, cultivar e valorizar os diferentes tipos de manifestações culturais do aluno, entendendo que nossa cultura é diversificada, e que essa diversificação privilegiada dentro da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O diagnóstico feito antes da regência nos evidenciou situações reversas ao “fazer” escolar, sobretudo na Educação Física escolar atual com proposições inovadoras. Neste tópico não temos o propósito de apontar culpados, tampouco de expor situações antiéticas, mas temos a responsabilidade política de destacar os fatores que implicaram a nossa intervenção e fizeram com que despertar-se ideias para a realização de um planejamento e regência coerentes com os propósitos atuais da Educação Física escolar.

Ao observamos a prática pedagógica do professor, destacamos alguns pontos que se assemelham com o desinvestimento docente, tais como: aula “aberta” com bola (racha); alunos dispersos; as alunas retraídas em um canto e a minoria da turma participavam da aula. Ao perguntar as alunas o porquê da não participação nas atividades, afirmavam “medo de levar uma bolada”, ou porque os meninos não as deixavam participar, neste caso elas preferiam ficar entre elas, isoladas.

Essa ação pode ser vista no trabalho de Machado et al (2010), onde relata a prática de um docente com essas características, e chega a concluir que esse tipo de prática pouco difere das atividades realizadas no momento de recreio ou fora da aula, sem existir planejamento,

³ Ver Educação Física na escola: Conteúdos, suas dimensões e significados, (SURAYA DARIDO, 2012), 3322.3222 contato@joinbr.com.br

onde os alunos saem da sala e estão livres para realizarem o que lhes convier. Uns conversam, outros jogam, correm, pulam corda, sendo o professor apenas um administrador do material.

Outro fator que nos chamou atenção foi à discrepância na organização do currículo, ao analisarmos as aulas, percebemos uma dinâmica de aulas teóricas serem necessariamente em sala de aula, e em outro momento aulas práticas serem na quadra. Desta forma, a não autonomia de organização didática do professor nos pareceu um problema a ser destacado, ou seja, é como se a gestão escolar soubesse o que os alunos necessitam e o professor estivesse apenas para obedecer.

Após identificarmos propositivamente algumas situações no trabalho docente do professor, decidimos planejar frente a esses fatores expostos no parágrafo anterior, na qual foi descrito no tópico do planejamento.

Com o conteúdo do handebol para o 6º e 7º ano as aulas tiveram um bom andamento, alguns resistiram em determinados momentos, outros afirmavam ser “algo besta”, sem importância, e que queria jogar futsal. No entanto, propomos um trabalho de forma que pudesse envolver todos e, sobretudo desenvolver manifestações até então não privilegiadas pelos alunos. Condições também encontradas no trabalho de Santos, Mendes e Ladislau (2014) onde afirmaram que um dos pontos mais dificultoso ao mudar o cenário das aulas estava na resistência dos alunos a atividades que não estavam habituados, essa é uma realidade na qual envolve certa dificuldade de alternativas para tal situação.

Outros dois aspectos a serem relacionados foi à dificuldade de discussão em relação aos conteúdos que eram trabalhados, e também dificuldade motora em algumas situações básicas do movimento como: equilíbrio, coordenação, lateralidade, agilidade, etc.

Com o 8º e 9º ano foi proposto os conhecimentos do voleibol, na prática pedagógica, apesar dos alunos já terem noções básicas, ainda obteve-se determinada resistência por alguns, mas não foi algo a afetar o andamento das aulas. Como aula inaugural, e por estar acontecendo naquele período as Paraolimpíadas, propomos uma vivência e uma discussão sobre o voleibol sentado, refletindo as dificuldades que os deficientes têm no dia a dia, a dimensão que tem o voleibol profissional e as dificuldades que os alunos tiveram na realização da atividade proposta.

Outras dinâmicas das aulas de voleibol estiveram embasadas na aprendizagem do gesto técnico e dos fundamentos, o objetivo daquele fundamento, quando e como utilizá-lo, situações de jogo. E também aspectos de condutas dentro do jogo, sempre motivando o aluno

a respeitar os companheiros e ser honesto não apenas no jogo, mas em todos os momentos.

Esses aspectos podem ser identificados no trabalho de Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), onde o esporte continua sendo uma expressão corporal que deve ser contemplado nas aulas de Educação Física, a relação entre esse fenômeno e a escola permite atribuir valores sociais, sentidos e significados que podem ser utilizados na promoção interpessoal com princípios educativos, não apenas do “saber fazer”, mas do “saber sobre esse fazer” do esporte.

Por fim, podemos perceber que o desinvestimento docente favorece inúmeros aspectos negativos nas aulas de Educação Física escolar, contribuindo plenamente para a desvalorização da disciplina, pela rejeição por parte dos alunos, para exclusão daqueles menos habilidosos, para uma visão limitada acerca dos conteúdos da disciplina, sendo ainda um agente contrário para a construção de uma identidade escolar da Educação Física.

Portanto, o investimento docente atua em sentido contrário ao anterior, haja vista trabalhar de forma planejada, coerente e digna perante aos objetivos da escola, do professor e do alunado, uma vez contribuir plenamente para a formação integral, humana e cidadã dos alunos, podendo por meio dos conteúdos da Educação Física ensinar valores morais, éticos e sociais, sendo estes indispensáveis para uma forma sólida e para o convívio em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do estudo, notamos que as aulas de Educação Física escolar ainda têm muito a melhorar, para que um dia possa ter seu reconhecimento no âmbito escolar e social, mostrando assim seu valor na escola e que tem muito a contribuir para a formação dos alunos, deixando, portanto, preconceitos e visões reducionistas de lado, para talvez, alcançar patamares equiparados com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar da educação básica.

Sobre este aspecto, é necessário para melhoria das aulas de Educação Física na escola, um maior investimento em questões estruturais, materiais e apoio do núcleo gestor, além da mudança de comportamento de alguns docentes que não cumprem com a responsabilidade de ensinar, deixando ser levados pela cultura existente e defasadas das aulas de Educação Física, onde assim, à união de todos estes aspectos pode ser um início para tentativa de valorização e aquisição de respeito desse componente curricular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 2013. 565 p.**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997. Disponível em:** <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2016.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 55-75, out/dez de 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: Conteúdos, duas Dimensões e Significados. In: DARIDO, S. C (coordenadora). **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2012.**

FARIA, Bruno de Almeida et al. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas? **Ágora para La educación física y el deporte**, n. 12 (I), 2010, p 11-28.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. Ensaando o “novo” em Educação Física escolar: a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; Valter Bracht. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.**

MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005.

SANTOS, Nilvânia de Souza; MENDES, Jéssica de Souza; LADISLAU, Carlos Rogério. **Educação Física escolar: dificuldades e estratégias. In: V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Lavras – MG, 2014.**